

LA REVISTA DE BUENOS AIRES: CONSTRUINDO A NAÇÃO ARGENTINA ATRAVÉS DA HISTÓRIA DURANTE A DÉCADA DE 1860.

DANIEL JACOB NODARI*

Esta exposição tem como objetivo apresentar as principais ideias contidas no projeto de pesquisa que foi apresentado à Universidade Federal do Paraná para o ingresso no mestrado. A pesquisa foi iniciada no primeiro semestre do ano de 2011. O tema que ela aborda é a construção da nacionalidade argentina, durante a década de 1860, a partir dos artigos de História que foram publicados em *La Revista de Buenos Aires: Historia Americana, Literatura y Derecho*.

Primeiramente, é importante salientar que essa pesquisa faz parte de um conjunto de estudos que tem ganhado bastante força entre os historiadores nos últimos anos. Entre os novos temas que surgiram, um que ganhou proeminência foi o que aborda a construção dos Estados Nacionais.

Diversos estudos inovadores demonstraram, desde a década de 1980, que a guerra de independência contra a Espanha, não gerou automaticamente novos Estados Nacionais; e, na Argentina, especificamente, nem um Estado centralizado.

A historiografia atual, que trabalha com essa nova temática, chegou ao consenso que as nações que existem na América hoje, não surgiram depois das independências, mas, foram “construídas”, “formadas”, “inventadas”, no decorrer do século XIX, contrariando a historiografia que havia até a década de 1970, a qual entendia o surgimento da nação como consequência imediata das guerras que resultaram na libertação da América.

Nesse sentido, nos últimos tempos, o surgimento e a formação dos Estados Nacionais ganhou significativa acolhida acadêmica. E o que se tem afirmado é que esse processo foi complexo e demorado. Dentro desses estudos, um caso que se destaca é o da Argentina (BONAUDO, 1999: 12-13).

Um trabalho notório que merece realce a respeito da Argentina é o de José Carlos Chiaramonte. Em suas pesquisas sobre o federalismo argentino o autor chamou atenção para a impossibilidade de haver existido um Estado centralizado denominado

* Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná

Argentina logo após a independência. Em vez disso, Chiaramonte assegura que existiram diversos “Estados” independentes, as províncias, que posteriormente integrariam um Estado Nacional único¹.

Chiaramonte discorre sobre esse tema não apenas em relação a Argentina, em alguns trabalhos procura tratar da América Espanhola. Ele afirma que após as independências havia a necessidade de construir uma nova legitimidade para os governos incipientes, substituindo a legitimidade anterior, que era centrada no governo da Espanha. Essa nova legitimidade era baseada no Direito de Gentes, e não em idéias iluministas, que nesse momento circulavam amplamente na Europa, tese que se contrapôs a uma historiografia anterior que defendia que as idéias iluministas foram responsáveis diretas pela independência e pela formação dos Estados Nacionais (CHIARAMONTE, 2000).

Entre outros estudiosos que se dedicam a esta temática encontra-se Tulio Halperin Donghi, o qual escreveu um ensaio denominado “Una Nación para el desierto Argentino”, no qual afirma que a Nação, no caso argentino, foi pensada por um grupo de pessoas letradas. Pensadores que durante o século XIX, escreveram sobre a melhor maneira de construir um Estado Nacional.

Donghi demonstra que esse pequeno grupo de intelectuais, denominado de *Nueva Geración*, embora marcado pelo ecletismo, e composto por homens com idéias divergentes, tinha alguns princípios básicos, comum a todos, como a utilização do pensamento racional para a constituição de uma Nação, os intelectuais eram favoráveis aos unitários, lutavam pela integração das diversas províncias que havia no território argentino, e eram contrários ao governo de Juan Manuel Rosas (DONGHI, 1982).

Donghi, afirma que a tentativa de implantar essas idéias, se deu apenas no período posterior ao governo de Juan Manuel Rosas, a partir da década de 1850. Período que ficou marcado pela liberdade de imprensa e de idéias, pelo debate político e pela mobilização social. Foi uma época de relativa estabilidade, mas que não colocou

¹ A respeito desse assunto consultar: CHIARAMONTE, José C. La formación de los Estados nacionales en iberoamérica. In: **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana E. Ravignani**, Terceira serie, n. 15, 1º. Semestre de 1997. CHIARAMONTE, José C. Fundamentos iusnaturalistas de los movimientos de Independência. In: **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana E. Ravignani**, tercera serie, n°22, 2000. CHIARAMONTE, José C. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. In: CARMAGNANI, Marcelo (org.). **Federalismos Latinoamericanos: México/Brasil/Argentina**. Ciudad de México: FCE, 1993.

fim as disputas políticas que utilizavam da violência (BONAUDO, 1999. LYNCH, 2004).

Essa idéia proposta por Donghi é confirmada por outros historiadores que privilegiam esta temática. Afirma-se, que Sarmiento e Alberdi, os intelectuais mais conhecidos do grupo *Nueva Geración*, foram os principais responsáveis pela criação de uma literatura que tinha como objetivo construir um Estado Nacional Argentino. Aliás, essa tese está sendo bastante defendida pelos pesquisadores, entre eles brasileiros, e seus trabalhos conseguem demonstrar a importância desse grupo para a constituição desse Estado Argentino.

Contudo, segundo Hilda Sabato, no período posterior a Rosas não foram apenas às idéias desse grupo de pensadores que fizeram parte dos debates políticos existente, havia a participação da imprensa, que conforme a estudiosa, era amplamente utilizada para isso. Segundo a autora, as questões políticas passavam pelos periódicos, que eram diários ou não. E foi através deles que a política se tornou algo público. Além disso, os jornais eram os porta-vozes de quem competia pelo poder e se desejasse exercer alguma influência na cidade, era necessário se utilizar desse meio.

Ou seja, a imprensa constituía uma peça-chave do sistema político argentino naquele período. E a própria imprensa se considerava um instrumento fundamental para o desenvolvimento das formas republicanas e para a criação de uma sociedade racional e ilustrada. Ela sentia-se responsável por forjar a opinião pública (SABATO, 1999: 125).

Essa discussão historiográfica, colocada por Sabato abriu a possibilidade de questionar o papel dos pensadores e dos periódicos na formação do Estado Nacional Argentino. Se a ideia de nação Argentina foi construída durante o século XIX, qual o papel da imprensa nesse acontecimento? E da *Revista de Buenos Aires*? Essa é exatamente a preocupação da pesquisa que está se iniciando. Não se nega a importância do grupo de Sarmiento e Alberdi, o que se questiona é se outros letrados do período, através dos periódicos, não se preocuparam, com isso também?

É importante ressaltar que são escassos os estudos que se dedicaram a tratar desta fonte. Na verdade, averigua-se que há apenas um trabalho acadêmico que se ocupa

desse periódico (MAEDER, 1962)². Na maioria das vezes o que se observa são apenas apontamentos da existência desse documento, geralmente em referências, mas não como objeto de análise.

Portanto, destaca-se assim que a realização desta pesquisa utiliza uma fonte histórica praticamente não explorada. Nesse caso, existe um caminho livre e interessante para estudar o conceito de História presente na *Revista*, e se ela foi importante para a formação do Estado Nacional.

Esses questionamentos se fundamentam na discussão historiográfica e no longo período que esse periódico ficou em circulação, o que indica que teve uma considerável importância na cidade de Buenos Aires. E segundo Maeder a *Revista* teve uma tiragem de aproximadamente 700 exemplares por número, os quais eram agrupados em tomos com 4 edições. (MAEDER, 1962: 752).

Além disso, se constata que *La Revista de Buenos Aires*, circulou entre os mais importantes intelectuais da Argentina, naquele período. Isso se constatou através do próprio periódico, que em 1864 publicou algumas notas referentes a um círculo literário que existia em Buenos Aires, afirmando que a *Revista* era produto deste círculo. No mais publicou uma lista de pessoas que participavam dele, entre eles Domingo F. Sarmiento. Podemos deduzir que esses intelectuais do círculo literário conheciam a publicação e que possivelmente eles a leram.

Esses questionamentos sobre o papel da *Revista* é decorrente das recentes discussões historiográficas a respeito da América Latina, onde se percebe que os historiadores tem se dedicado com mais afinco a estudar o período pós-revolucionário. No caso da Argentina, essa tendência se mantém, entretanto, o momento emblemático é o posterior ao governo de Juan Manoel Rosas que se encerra em 1852.

Para a historiografia atual, o momento após as independências ficou marcado por diversos problemas. No âmbito da política não ocorreu uma rápida consolidação do poder, como era esperado, e a constituição de uma nova ordem política republicana demorou a acontecer. Surgiram repúblicas frágeis que ficaram a mercê dos diversos grupos políticos que existiam na época, os quais utilizavam da violência para a dominação de um Estado ainda incipiente (SAFFORD, 2004).

² O artigo que discorre sobre esta fonte foi adquirido nos últimos dias, depois de um contato com o próprio autor do estudo, que é argentino e reside naquele país.

No caso argentino, foi apenas quando Rosas assumiu o governo da província de Buenos Aires, a mais importante da região do Rio da Prata, na década de 1830, que se iniciou um período de relativa estabilidade política, contudo, sob o jugo de um governo autoritário e violento. Entretanto, deve-se ressaltar que o governante da província de Buenos Aires era federalista, ou seja, as outras regiões/províncias do Rio da Prata detinham uma determinada autonomia, que era suplantada pelo autoritarismo de Rosas (LYNCH, 2004). Todavia, isso não gerou um Estado Nacional argentino.

Dessa forma, 40 anos após a independência da região do Rio da Prata, e mesmo depois do governo de Rosas, que acabou em 1853, ainda não existia um Estado Nacional Argentino como o conhecemos. Isso foi ocorrer apenas no período entre os anos de 1853 e 1880, o qual Marta Bonaudo, chama de “etapa de la organización nacional” (BONAUDO, 1999: 13).

A partir disso, Hilda Sabato apresenta um fator bastante relevante, que possibilitou a formação desse Estado Nacional, a grande mobilização da sociedade. A qual ocorreu, ou por meio de centenas de associações formadas pelos diversos grupos sociais, ou ainda pela criação de inúmeros periódicos, os quais, principalmente em Buenos Aires, tiveram como preocupação colaborar para a construção de um país mais civilizado.

Sabato ainda afirma que os periódicos, em suas mais variadas formas, ganharam uma grande importância política, além do fato de que os responsáveis por eles tinham consciência sobre seu papel naquele momento histórico:

“La prensa constituía una pieza clave del sistema político. Por un lado, se la consideraba un instrumento fundamental para el desarrollo de las formas republicanas y la creación de una sociedad racional e ilustrada. A ella correspondía representar a la vez que forjar a la opinión pública, pilar del sistema político moderno.” (SABATO, 1999: 195).

Apesar de Sabato assegurar que eram os periódicos diários, os quais se dedicavam a política e economia que possuíam maior relevância no cenário político, pois eram os mais lidos, a autora destaca que houve periódicos que versavam sobre temas específicos, que mesmo com uma circulação mais modesta, também foram importantes, tendo trajetórias longas e prestigiosas.

Em meio a essas publicações Sabato insere *La Revista de Buenos Aires: Historia Americana, Literatura y Derecho*, a qual, em princípio, desempenhou um papel relevante na sociedade portenha, na medida em que a *Revista* teve uma longa duração

em comparação ao tempo médio dos periódicos que existiam naquele momento. Entre 1863 e 1871, a *Revista* publicou ininterruptamente todo mês, totalizando 96 edições durante oito anos.

Tal durabilidade pode ser explicada talvez pelo fato de que esse tipo de publicação ainda não existisse em Buenos Aires, pois, em sua curta apresentação, escrita no primeiro número, os organizadores afirmaram que não havia nenhum periódico similar com a *Revista* naquele momento na Argentina, e que esse fato era incompatível com a cultura daquela sociedade (LA REVISTA DE BUENOS AIRES, 1863, p.3). Portanto, *La Revista de Buenos Aires: Historia Americana, Literatura y Derecho*, parece ter sido a primeira revista Argentina a abordar o tema Histórico.

Nessa mesma apresentação, os organizadores asseveraram que o objetivo da seção Histórica era escrever sobre feitos que houvessem ocorrido no território que abrangia a Argentina, desde a época que os espanhóis dominaram a região, mas, especialmente, depois da época revolucionária, até os dias em que eles se encontravam, 1863 (LA REVISTA DE BUENOS AIRES, 1863: 4).

É importante atentar que embora tenha sido publicada em Buenos Aires, os organizadores deixaram claro sua preocupação com o restante do país, afirmando o interesse em divulgar trabalhos inéditos sobre a História da República Argentina, além da República Oriental do Uruguai e do Paraguai. Ademais, garantiram que escreveriam sobre o restante da América, que chamavam de pátria, e diziam que a História dos outros países era também a sua História.

Baseado na discussão historiográfica exposta, que versa a respeito da consolidação do Estado Nacional Argentino entre 1850 e 1880 e sobre a mobilização social deste período envolvendo os periódicos, possibilita imaginar que *La Revista de Buenos Aires*, teve algum envolvimento na construção do Estado nacional Argentino.

Isso devido ao fato de que a História teve um papel determinante durante o século XIX, pois, além de receber o status de ciência, ganhou importância política, como é demonstrado em diversos trabalhos sobre a construção da nacionalidade francesa. Segundo François Dosse, desde o início do século XIX na França,

“a história ocupava um lugar de destaque, permitindo a cristalização da identidade nacional. O historiador detinha então uma autoridade incontestada, situando-se no mais elevado nível das posições de poder. Durante um século, uma verdadeira sobreposição de consciência nacional e discurso historiográfico constituía a base da função que parecia natural ao historiador: a missão patriótica, em que ele era meio sacerdote, meio soldado.”(DOSSE, 2001: 11).

Nesse caso a História efetivamente foi utilizada como um instrumento político, pelo Estado ou por intelectuais para influenciar e criar um determinado sentimento nacional. Esse exemplo permite imaginar se isso de alguma maneira ocorreu na Argentina, mais especificamente na *La Revista de Buenos Aires*.

Para tanto, já existem indícios que transformam essa preocupação em algo mais concreto. Em um artigo, no oitavo número da *Revista*, de dezembro de 1863, Vicente G. Quesada, um dos organizadores, fez um breve balanço sobre os artigos de História que foram publicados até aquele momento, ressaltando os propósitos da *Revista* de ali por diante. Contudo, o mais considerável deste artigo é a importância e a concepção da História proposta por Quesada. Primeiramente, o fato de que a História, para esses pensadores, estava ligada as fontes de arquivo, aos arquivos oficiais (QUESADA, 1863: 485).

Em segundo lugar, o que havia sido salientado por Sabato a respeito da preocupação dos periódicos em contribuir com o país. Quesada afirma em seu artigo que era fundamental estudar a História das províncias, não apenas de Buenos Aires, e que a História deveria servir para estreitar as relações entre diversos membros da República. Pois, ela, demonstra o lento, mas, evidente progresso do país.

Por último, e o mais relevante, Quesada alegava que os artigos de História serviam para “levantar el espíritu nacional por el recuerdo de lo que fuimos, reavivar el fuego sagrado de la democracia por la popularizacion de las queridas tradiciones de nuestra época heróica” (QUESADA, 1863: 485). Este argumento praticamente elimina a inquietação sobre o fato da *Revista* se preocupar com a criação de um sentimento nacional, já que esse parece ser um de seus objetivos.

Nesse sentido, a partir de tudo o que foi apresentado, desde a afirmação de Dosse, passando pela discussão historiográfica sobre a Argentina e por fim com as indicações presentes nas fontes, a *Revista* se apresenta como um importante objeto de estudo. Desse modo, a problemática concentra-se em analisar os artigos da seção Histórica, procurando perceber o modo que a História é escrita, para, a partir disso, apreender de que forma a *Revista* se utiliza dela para construir uma ideia de nação.

Desta forma, a análise da *Revista de Buenos Aires* vai possibilitar compreender o que era História para os letrados argentinos da época que escreviam nesse periódico. Sabe-se que ela foi utilizada com um objetivo, mas de que forma como a História foi

construída e apresentada? Além disso, como consequência, de que maneira essa História produzida na *Revista* contribuiu para a construção do Estado Nacional? Qual a importância desse periódico no meio intelectual da época?

Essas são questões ainda estão em aberto, e fazem parte do projeto que já está em desenvolvimento. Para tanto, a pesquisa que está em andamento vai contar com os trabalhos de dois historiadores como referenciais teóricos.

Para ajudar a responder as questões relativas a História produzida pela *Revista*, será utilizado as pesquisas de Reinhart Koselleck, que nos últimos tempos se tornou uma referência nesse campo de estudo. Utilizando-se do método da História dos Conceitos demonstra em seus estudos a transformação que o conceito de História sofreu durante o século XVIII na Alemanha. Ele afirma que até o início dos anos de 1700 a História ainda era tratada como *Magistra Vitae*, sendo uma característica proveniente dos escritos de Cícero.

Contudo, no decorrer do século XVIII, essa forma de entender a História se modificou, passando a ter outro significado. Se a História como *Magistra Vitae* era um instrumento “para comprovar doutrinas morais, teológicas, jurídicas ou políticas” isso ocorria devido a uma percepção na continuidade do tempo, uma “constância efetiva das premissas e pressupostos, fato que tornava possível uma semelhança potencial entre os eventos terrenos”, colocando a História como uma coleção de eventos (KOSELLECK, 2006: 43).

No século XVIII, antes mesmo da Revolução Francesa, que é o evento marcante, o conceito de História se transformou. Pois, “passou-se a exigir da História uma maior capacidade de representação, de modo que se mostrasse capaz de trazer a luz – em lugar de seqüências cronológicas – os motivos que permaneciam ocultos, criando assim um complexo pragmático, a fim de subtrair do acontecimento casual uma ordem interna” (KOSELLECK, 2006: 51).

Para Koselleck essa modificação aconteceu durante o advento da modernidade, momento no qual a idéia de progresso estava em voga, ocorrendo uma aceleração do tempo, que, segundo o autor, determinou a mudança na experiência histórica, e conseqüentemente, na própria idéia de História. Contudo, não é nosso objetivo discutir a modernidade, mas sim compreender que durante o século XVIII a História sofreu

alterações, as quais são essenciais para o entendimento da História produzida pela *Revista de Buenos Aires*.

Todavia, além da discussão sobre o conceito de História, é importante trabalhar com a idéia de construção do Estado Nacional, tendo em vista que nosso objetivo é analisar se a História produzida pela *Revista* tem como função contribuir para isso. Deste modo, a segunda parte da discussão teórica metodológica é a respeito das Nações na América. Para isso será utilizado os estudos de um historiador argentino que colaborou muito para esta discussão, José Carlos Chiaramonte.

Nos últimos anos, parte da historiografia se preocupou em rever o conceito de nação. Os trabalhos sobre esse tema acabaram se multiplicando, e abarcaram os mais diversos aspectos e regiões. Entre estes diversos estudos, talvez os mais conhecidos sejam o de Benedict Anderson, *Comunidades imaginadas*, e de Eric Hobsbawn, *Nação e nacionalismo desde 1780*. E foi a partir dos pressupostos levantados por estes e outros autores que, iniciou-se, também na América, uma revisão a respeito desse tema com relação aos países do continente.

Nos estudos de Chiaramonte a formação das nações é uma questão central. O autor reitera que as independências não ocorreram a partir de um ideal nacionalista, como afirmava alguns historiadores, ou a partir de um sentimento nacional, pois “em tiempos de las independencias no existían las actuales naciones iberoamericanas, ni las correspondientes nacionalidades” (CHIARAMONTE, 2000: 33). Os Estados da América hispânica, como existem nos dias atuais, se formaram a partir de uma construção histórica, que ocorreu no período posterior às independências, como destaca Chiaramonte, “a la nación no um fenómeno natural sino um producto histórico, transitório, que no siempre existió” (CHIARAMONTE, 2000: 37).

Em contra oposição a essa idéia de nação, Chiaramonte ao analisar a formação do estado argentino, afirma que este se formou a partir de compromissos políticos que ocorriam entre os diversos organismos soberanos (cidades), os quais eram produtos do período colonial, ou seja, da administração da Coroa que envolvia uma ampla rede jurídica e diversas autoridades hierarquizadas. Ou seja, na época das independências havia apenas cidades independentes, as quais não estavam conectadas.

Essas afirmações de Chiaramonte tornam-se indispensáveis para o desenvolvimento desse trabalho, juntamente com as idéias de Hilda Sabato e Marta

Bonaudo, as quais proporcionam uma visão sobre a sociedade argentina em meados do século XIX, que permite a melhor compreensão do discurso da *Revista*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONAUDO, Marta. Modo de Prólogo. In: BONAUDO, Marta (Org.). **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burguês (1852-1880)**. Buenos Aires, Sudamericana. 1999.

CHIARAMONTE, José C. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. In: CARMAGNANI, Marcelo (org.). **Federalismos Latinoamericanos: México/Brasil/Argentina**. Ciudad de México: FCE, 1993.

_____, José C. La formación de los Estados nacionales en iberoamérica. In: **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana E. Ravignani**,. Terceira serie, n. 15, 1º. Semestre de 1997.

_____, José C. Fundamentos iusnaturalistas de los movimientos de Independência. In: **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana E. Ravignani**, tercera serie, nº22, 2000.

DONGHI, Túlio Halperin. **História da América Latina** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____, Túlio Halperin. **Una nación para el desierto argentino**. Buenos Aires: Centro editor de America Latina, 1982.

DOSSE, François. A identidade nacional como forma organizadora do discurso histórico na França nos séculos XIX e XX. In: **História à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição a semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro : Contraponto, 2006.

La Revista de Buenos Aires. Maio de 1863, ano 01, n. 01

LYNCH, John. As repúblicas do Prata da independência à guerra do Paraguai. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América latina: Da Independência até 1870**. São Paulo. Edusp. 2004.

MAEDER, Ernesto. Índice general de la Revista de Buenos Aires (1863-1871). In: **Boletín de la Academia Nacional de la Historia**, vol. XXXIII, 1962, 745-794.

MORELLI, Federica. Entre el antiguo y el nuevo régimen. La historia política hispanoamericana del siglo XIX. **História Crítica**, ene./jun. 2007, no.33, p.122-155.

PADILLA, Guillermo Zermeño. História, experiência e modernidade na América ibérica, 1750-1850. **Alm. braz.**, São Paulo, n. 7, 2008. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-81392008000100001&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 10 de Agosto de 2010.

PAMPLONA, Marco A.; MÄDER, Maria E. (Orgs.). **Revoluções de Independência e nacionalismos nas Américas: Região do Prata e Chile**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. (Orgs.). **Nacionalismo no novo mundo: A formação de Estados-Nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PRADO, Maria Lígia Coelho. **América latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Edusp; Bauru: Edusc, 1999. (Ensaio Latino-americanos, 4).

QUESADA, Vicente G. Estudios históricos, nuestros propositos. In: **La Revista de Buenos Aires**. Dezembro de 1863, ano 01, n. 08

SABATO, Hilda. La vida pública em Buenos Aires. In: (Org.). BONAUDO, Marta **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burguês (1852-1880)**. Buenos Aires, Sudamericana. 1999.

SAFFORD, Frank Política, ideologia e sociedade na América espanhola do pós-independência. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: Da Independência até 1870**. São Paulo. Edusp. 2004.

SCHEIDT, Eduardo. Debates historiográficos acerca de representações de nação na Região Platina. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 5, p. 3, 2006.